

De um mundo antigo para os dias de hoje

Vivemos em um mundo assombrado por más notícias: inundações, terremotos, tsunamis, corrupção, violência, crise financeira, epidemias, perseguições... A lista é longa. A descrição de Oséias mostra que más notícias não são coisas só de nossos dias: “O Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra; porque nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus. O que só prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar e adulterar, e há arrombamentos e homicídios sobre homicídios. Por isso, a terra está de luto, e todo o que mora nela desfalece, com os animais do campo e as aves do céu; e até os peixes do mar perecem” (Os 4.1-2).

De fato, desde a queda, as relações humanas são marcadas por rejeição, inveja, luta pelo poder, traições. Adão projetou sua culpa em Eva e a confinou no espaço da casa, assumindo sozinho a tarefa de governar a terra. Caim matou Abel. A maldade do homem foi se multiplicando, mesmo após o dilúvio, tentativa de dar à humanidade uma nova oportunidade a partir da família de Noé.

Quando se afasta de Deus, o ser humano busca se garantir acumulando riqueza e poder. Mas esta escolha o impede de construir relações afetivas desinteressadas. Frustrado no seu desejo de amor incondicional, ele desenvolve mecanismos de defesa para se proteger do outro e responde ao mal com o mal, ampliando assim este círculo vicioso. Inocentes são afetados e a injustiça se expande como uma doença altamente contagiosa. Hoje, produzimos bastante grãos para alimentar toda a humanidade. Mas 80% do que produzimos é usado para alimentar o rebanho que é reservado a uma minoria privilegiada!

Lendo o Antigo Testamento, somos impactados pela repetição de guerras movidas pela ambição e pela ganância. Toda vez que Israel se afastava de Deus, o mal se espalhava, como podemos ver na lista de Isaías 5. Não demorava muito para que as vitórias se transformassem em derrotas, invasões, saques, cativeiro. Mas Deus não desistia do ser humano e enviava profetas para chama-lo ao arrependimento. Por causa de sua aliança com o ser humano, o sol continuou nascendo sobre maus e bons, a chuva continuou vindo sobre justos e injustos. Assim, em vez de nos scandalizar com tanta desgraça, deveríamos reconhecer que já estaríamos destruídos se não fosse pela misericórdia de Deus que se renova a cada manhã.

No Antigo Testamento a esperança era alimentada por profecias messiânicas que anunciavam a vinda do Salvador. Não apenas alguém que nos livraria do inferno e nos levaria para o céu, mas alguém que se encarnaria na humanidade. A resposta de Deus ao sofrimento é sofrer junto. Ele é um Deus de dores e que sabe o que é padecer. Um Deus que se identifica a ponto de abrir mão de sua glória, despir-se da sua onipotência, para tornar-se pobre, vulnerável, objeto de toda sorte de injustiça. Ele viveu entre nós para revelar a sua compaixão de forma concreta e nos capacitar a vencer o mal com o bem. Na cruz, ele tomou sobre si toda a injustiça e respondeu com o seu perdão. Ele experimentou a nossa angústia e até o sentimento de solidão e desamparo, mas entregou-se nas mãos do Pai.



Hoje, não mais aguardamos o cumprimento das profecias. Temos o privilégio de saber que Cristo veio, morreu, ressuscitou e está em nós e entre nós através de seu Espírito. Nossa esperança está não apenas na promessa da vida eterna, mas também no amparo de Deus no vale da sombra da morte.

Como diz Henri Nouwen em Renovando Todas As Coisas (São Paulo: Cultrix, 1981): “Nossa esperança não está baseada em alguma coisa que acontecerá depois de terminados os nossos sofrimentos, mas na presença real do Espírito curador de Deus em meio a esses sofrimentos”.

Por Isabelle Ludovico

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 22.